



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ANA PAULA ASSUNÇÃO MOREIRA

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR PAIS A SUA PARTICIPAÇÃO NO
TRABALHO DE PARTO E PARTO DA COMPANHEIRA**

SALVADOR

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Departamento de Tratamento da Informação, Biblioteca Universitária de Saúde

Sistema de Bibliotecas da UFBA

M838 Moreira, Ana Paula Assunção.

Significados atribuídos por pais a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira / Ana Paula Assunção Moreira. – Salvador, 2014.

48 f. : il.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Isa Maria Nunes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, 2014.

1. Parto humanizado. 2. Trabalho de parto. 3. Pais - Acompanhantes. 4. Paternidade. I. Nunes, Isa Maria. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Enfermagem. III. Título.

CDU: 618.4

ANA PAULA ASSUNÇÃO MOREIRA

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR PAIS A SUA PARTICIPAÇÃO NO
TRABALHO DE PARTO E PARTO DA COMPANHEIRA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Enfermagem, apresentado a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isa Maria Nunes.

SALVADOR

2014

ANA PAULA ASSUNÇÃO MOREIRA

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR PAIS A SUA PARTICIPAÇÃO NO
TRABALHO DE PARTO DA COMPANHEIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Escola de Enfermagem da
Universidade federal da Bahia com requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem

Aprovado em 16 de dezembro de 2014

Isa Maria Nunes

Prof.^a Dr.^a Isa Maria Nunes – Orientadora

Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Mariza Silva Almeida

Prof.^a Dr.^a Mariza Silva Almeida

Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Ane Caroline da Cruz Santos

Mestranda Ane Caroline da Cruz Santos

Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

***“Um momento eu sentia a dor que ela sentia, sentia assim, um aperto e ao mesmo tempo eu sentia alegria por saber que tava havendo uma coisa assim, que é fruto meu e dela que a gente poderia dar amor .”
(E9)***

AGRADECIMENTOS

Aos pais entrevistados, por confiarem e dividirem comigo sua experiência;

A Thiago e Keury, pela ajuda para encontrar esses pais na maternidade;

À professora Mariza Almeida, pelo carinho e atenção e pela ajuda com os livros e artigos;

À Ane Caroline da Cruz, por gentilmente aceitar participar da minha banca;

Aos meus amigos de graduação, em especial Abdon, Marcela, Laís e Raissa, pela cumplicidade e pelas discussões sobre metodologia científica;

Ao PET Enfermagem, que sempre me ajudou com as sessões científicas;

À minha querida orientadora, professora Isa, obrigada pelo seu sim para orientação, pelo seu estímulo e paciência. Foi muito leve e gratificante trabalhar com você esses dois anos. Desculpe-me pelas agonias.

MOREIRA, Ana Paula Assunção. Significados atribuídos por pais a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira. 48 f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)- Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RESUMO

Tendo em vista os benefícios que a presença do acompanhante garante durante o trabalho de parto e parto é necessário que esse seja cada vez mais valorizado e inserido no processo parturitivo, principalmente quando se trata do pai. A vivência da paternidade deve ter seu início desde o momento em que a mulher descobre que está grávida, permitindo ao casal viver essa experiência juntos, compartilhando todos os anseios e felicidades da gestação, bem como de suas dificuldades, incluindo a participação ativa do pai na experiência do parto. Estudo qualitativo de abordagem descritiva, cujo objetivo foi conhecer o significado atribuído por pais a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira. Participaram 15 homens que acompanharam suas parceiras durante o trabalho de parto e o parto e que estavam presentes no Alojamento Conjunto da Instituição durante o período da coleta de dados. Foram realizadas entrevistas individuais, utilizando um roteiro semi-estruturado. As respostas foram organizadas e analisadas segundo o referencial teórico de Laurence Bardin. As categorias empíricas construídas foram: participação e apoio emocional; uma experiência nova e diferente; preparo para ser acompanhante; o apoio recebido da equipe; emoções vivenciadas no processo; importância para o casal e responsabilidade paterna. Os achados revelam que os homens estão se inserindo cada vez mais no apoio a mulher durante o trabalho de parto e parto e que as equipes de saúde e os serviços vêm se organizando para recebê-los, no entanto, é perceptível que ainda falta preparação e informação para que os homens possam vivenciar de forma mais efetiva esse contexto. Os entrevistados expressaram suas emoções sem inibição diante do processo, confirmando a progressiva incorporação de sua responsabilidade com o processo, o que pode gerar benefícios para as mulheres e ajudar no fortalecimento dos vínculos ente o casal e deste com seus filhos e filhas.

Descritores: Parto Humanizado; Acompanhante; Paternidade.

MOREIRA, Ana Paula Assuncao. Meanings attributed by parents the your participate in the labor and birth companion. 48 f. 2014. Work Completion of course (Graduation) - School of Nursing, Federal University of Bahia, Salvador, 2014.

ABSTRACT

In view of the benefits that the presence of the companion guarantees during labor and delivery is necessary for that is increasingly valued and entered in the birth process, especially when it comes to the father. The experience of paternity must have its beginning from the time a woman discovers she is pregnant, allowing the couple to live this experience together, sharing all the desires and wishes of pregnancy, as well as their difficulties, including active participation in the father delivery experience. Qualitative study of descriptive approach, which aims to know the meaning given by parents to their participation in the labor and birth companion. Participants were 15 men who accompanied their partners during labor and delivery and who were present in the Accommodation Facility set during the period of data collection. Individual interviews were conducted using a semi-structured script. The responses were organized and analyzed according to the theoretical framework of Laurence Bardin. The constructed empirical categories were: participation and emotional support; a new and different experience; preparation for escort; the support received from staff; emotions experienced in the process; importance for the couple and parental responsibility. The findings reveal that men are entering increasingly in supporting women during labor and delivery and public health workers and the services have been organizing to receive them, however, it is noticeable that still lack preparation and information so that people can experience more effectively this context. Respondents expressed their emotions without inhibition on the process, confirming the progressive incorporation of their responsibility to the process, which can generate benefits for women and help in strengthening the ties being the couple and this with their sons and daughters.

Keywords: Humanized Childbirth; Accompanying; Paternity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Humanização do Parto e Nascimento.....	12
2.2 Importância da Participação do (a) Acompanhante.....	14
2.3 Participação do Pai no Parto e Nascimento.....	16
3 METODOLOGIA	18
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	18
3.2 LOCAL DO ESTUDO.....	18
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	18
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	19
3.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 Características Sociodemográficas	21
4.2 Significado Atribuído pelos Pais Acompanhantes	22
4.2.1 Participação e Apoio Emocional	22
4.2.2 Uma Experiência Nova e Diferente	24
4.2.3 Preparo e Despreparo para ser Acompanhante	25
4.2.4 O Apoio Recebido da Equipe	26
4.2.5 Emocionando-se com a Participação no Processo	29
4.2.6 A Importância para o Casal	33
4.2.7 Dividindo Responsabilidade	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APENDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	43

APENDICE B – Roteiro de Entrevista	44
ANEXO I – Autorização do Comitê de Ética	46

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o cenário de atenção à parturiente no Sistema Único de Saúde ainda é muito fragilizado, sendo marcado pela peregrinação das mulheres em busca de um leito na maternidade, dificuldades para a marcação de consultas pré-natal, além da separação das mulheres com os familiares ao adentrarem a maternidade, vivenciando o processo parturitivo de maneira isolada e despersonalizada. (SANTOS, et al 2010).

Nesse sentido, diversas políticas vêm defendendo uma assistência integral e humanizada à mulher, sendo a presença do acompanhante junto à parturiente um avanço no processo de cuidado prestado de parturição. (TELES, et al 2010).

Em abril de 2005, foi sancionada a lei 11.108 que torna legal a presença de um acompanhante durante o pré-parto, parto e pós-parto imediato, nos serviços públicos de saúde, possibilitando à mulher a companhia de uma pessoa do seu convívio diário, que possa estar presente durante o processo de parturição. No entanto, esse direito nem sempre é respeitado, sendo encontrados tanto profissionais quanto gestores ainda resistentes à aplicabilidade da lei e a população desconhecendo esse direito. Essa participação passa então a ser restrita, em razão das ações hierárquicas entre profissionais e usuários, do modelo técnico e instrumental do cuidado, do desconhecimento e do despreparo de acompanhantes para exercer um papel ativo à mulher em trabalho de parto (NAKANO et al. 2007).

Cavalcante (2007) fala a respeito da ausência de acompanhantes nas consultas pré-natal, afirmando ainda que, quando estão presentes são mulheres das relações próximas com as gestantes, sejam mães, sogras ou irmãs, as quais, por vezes são proibidas de participarem da consulta pelos profissionais de saúde. Além dessas, também os pais são excluídos desse processo, tendo como justificativa o argumento de que as instalações físicas são inadequadas e a participação masculina atrapalha, “a presença do companheiro muitas vezes é até proibida, alegando-se ser uma atitude necessária para a prevenção da intimidade da mulher” (CAVALCANTE, 2007, p.20).

Diversos estudos mostram a importância do pai/companheiro seja durante as consultas pré-natal ou no momento do parto, já que a presença destes “contribui com o processo gestacional e com a união do casal e permite conhecer melhor as

mudanças ocorridas com a gestante”, e que é fundamental para a formação precoce do vínculo pai-filho.(TOMERELI et al, 2007; FIGUEIREDO, 2011, p. 713).

Teles et al (2010), ao estudar a respeito da opinião das puérperas sobre o (a) acompanhante averiguou o grau de importância dado pelas puérperas à presença deste durante o processo de parto. Entre as 105 participantes, 87 (82,8%) consideraram ser o(a) acompanhante muito importante, 17 (16,2%) julgaram ser importante e 1 (1,0%) classificou-o como pouco importante, apontado a relevância que o acompanhante tem no apoio a gestante. De modo semelhante, PERDOMINI et al, 2010, p.446, afirma que

a presença do pai na cena do parto tem consequências no desfecho do nascimento do bebê: efeitos positivos na construção do vínculo entre o pai e o recém-nascido, assim como, estímulo à mulher no momento de parir, podendo dessa forma, diminuir intercorrências durante o processo de nascimento o qual certamente será lembrado de forma marcante na vida do casal.

Em maio de 2011, o Ministério da Saúde lançou a estratégia Rede Cegonha, que “consiste numa rede de cuidados que visa assegurar à mulher o direito ao planejamento reprodutivo e à atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério”, levando em consideração todas as portarias adotadas até o momento, como a participação do acompanhante, a vinculação à Maternidade, o Programa de Humanização ao Parto e Nascimento (PHPN), entre outros (BRASIL, 2011, p.17).

Dessa forma, há necessidade de planejamento de ações institucionais específicas que atendam mães, companheiros e o (a) recém-nascido (a) a fim de oferecer suporte nas situações de insegurança geradas pela gravidez e nascimento dos filhos (as), de modo que os homens possam se tornar referência de apoio emocional às suas companheiras, além da sensibilidade dos (as) profissionais envolvidos em promover ou até mesmo convidarem o companheiro para consultas e/ou parto.

Em visita a algumas Maternidades públicas da cidade de Salvador, Bahia, na condição de estudantes de enfermagem, foi possível perceber diferentes participações do pai durante as consultas pré-natal, no parto e no pós-parto. A partir dessa aproximação, surgiu a inquietação a respeito do envolvimento e participação dos pais durante o trabalho de parto e parto das suas parceiras, bem como os significados dessa vivência para os mesmos.

Nas buscas realizadas em bases de dados nacionais foram encontrados poucos estudos acerca da participação paterna no trabalho de parto e parto, principalmente no município de Salvador, Bahia. Portanto, tendo em vista a contribuição que o estudo poderá trazer para a nossa região, sobretudo para os serviços públicos de saúde, espera-se que o estudo mostre de que forma ocorre a participação paterna no parto, trazendo resultados que permitam aos serviços uma inserção cada vez maior dos pais no acompanhamento e apoio às mulheres, seja na gestação, no momento do parto ou no puerpério.

A partir do exposto, delimitou-se como objeto desse estudo, a participação paterna no trabalho de parto e parto de suas companheiras.

Questão de pesquisa: O que significa para os pais a participação no trabalho de parto e parto de suas companheiras?

Sendo assim, este estudo teve como objetivo geral *analisar o significado atribuído por pais a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira.*

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HUMANIZAÇÃO DO PARTO E NASCIMENTO

Até início do século XX, a medicina tinha pouco ou nenhum conhecimento referente ao parto, sendo esses assistidos por mulheres mais velhas, chamadas de parteiras, que adquiriam conhecimentos científicos e habilidades práticas ao longo dos anos, sendo essa experiência repassada para as mais novas (STORTI, 2004).

Segundo a mesma autora, com o avanço dos estudos médicos sobre obstetrícia, as parteiras foram deixadas de lado e os hospitais cada vez mais procurados para a realização dos partos. Dessa forma, houve uma transformação no papel da mulher, passando de “sujeito” para “objeto” do processo. Para TELES et al, 2010, p. 693

com a institucionalização do processo reprodutivo, a mulher adquiriu o acesso à tecnologia e ao atendimento por um profissional qualificado, no entanto, a tecnologia e a humanização são práticas que nem sempre estão aliadas durante a prestação do cuidado à parturiente. Por isso, nas últimas décadas, vem acontecendo uma mobilização mundial em prol da humanização do parto.

O Ministério da Saúde em 2000 lança o Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento (PHPN), com o objetivo de “assegurar a melhoria do acesso, da cobertura e da qualidade do acompanhamento pré-natal, da assistência ao parto e puerpério às gestantes e ao recém-nascido, nas perspectivas dos direitos de cidadania” (MS, 2000, p. 5). O documento refere ainda que a humanização compreende aspectos fundamentais como o dever dos serviços de saúde receber com dignidade as mulheres, seus familiares e os recém-nascidos, além de medidas como a participação do acompanhante, métodos não farmacológicos para o controle da dor, evitando práticas intervencionistas desnecessárias.

A Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher (PNAISM), promovida pelo Ministério da Saúde em 2004, vem como forma de ampliar o Programa de Atenção Integral a Saúde (PAISM), propondo diretrizes para a humanização e qualidade no atendimento às mulheres, abordando entre outros aspectos, à promoção a saúde obstétrica e neonatal, de forma qualificada e humanizada (BRASIL, 2009).

Outras estratégias vêm sendo criadas a fim de abordar a humanização na gestação, parto e puerpério, como exemplo a Rede Cegonha, criada em 2011 pelo

Ministério da Saúde, que vem reafirmando as outras políticas e programas já existentes e com a finalidade de estruturar e reorganizar a rede materno-infantil, buscando a humanização da assistência (BRASIL, 2011).

A humanização do parto, entre tantos aspectos, diz respeito, principalmente, a atuação do (a) profissional em relação à assistência prestada, respeitando os aspectos fisiológicos, sociais, culturais do parto e nascimento, oferecendo necessário suporte à mulher e a família, facilitando os laços afetivos familiares e o vínculo mãe-bebê (DIAS; DOMINGUES, 2005). A mesma autora ainda afirma que a humanização da assistência, expressa uma mudança na compreensão do parto como experiência humana e, para quem o assiste, uma mudança no “que fazer” diante do sofrimento do outro humano.

No entanto, como afirma Busanello et al (2010), a implementação efetiva dessas políticas de humanização ainda representa um grande desafio no cenário da assistência obstétrica, pois,

a forma de organização dos serviços de saúde, a indisponibilidade dos recursos financeiros e, principalmente, a não sensibilização dos trabalhadores de saúde para os princípios preconizados por esse ideário, consagram-se como aspectos que dificultam a efetivação de uma assistência humanizada e de qualidade à mulher, ao recém-nascido e a sua família (BUSANELLO et al, 2010, p. 15).

Muitas instituições hospitalares, ainda mantêm um modelo de assistência excessivamente intervencionistas, como aponta estudo realizado por Silva et al (2013), que mostra o uso rotineiro de episiotomia, a falta de escolha do tipo do parto por parte da mulher, bem como da posição desejada, desconfigurando algumas características importantes para a humanização da assistência ao parto que vem sendo preconizada.

Como afirma Busanello et al (2013), a efetivação da assistência humanizada nos centros obstétricos depende principalmente do empenho e compromisso de todos os (as) profissionais envolvidos na assistência ao parto. Para TEIXEIRA et al, 2009, p.1475 “A valorização do parto humanizado deve ser levada em consideração por aumentar a autonomia e o poder de decisão numa relação menos autoritária e mais solidária entre o profissional da saúde e a mãe”. Sendo assim, para haver um atendimento humanizado durante o processo parturitivo é importante ver a mulher como sujeito ativo do processo e não apenas como objeto, dando-lhe oportunidade

de falar sobre seus anseios e desejos, atendendo suas expectativas e respeitando suas opiniões (SANTOS et al, 2010). Além disso, é imprescindível que os serviços e profissionais de saúde tenham consciência da importância de uma assistência humanizada e de qualidade e as políticas e os programas sejam cada vez mais efetivos.

Na Bahia, segundo a Secretaria Estadual de Saúde (2012), mais de 462 municípios já aderiam a Rede Cegonha e os serviços de saúde vêm adotando medidas, principalmente realizando reformas físicas, que possibilitam a permanência do (a) acompanhante junto a parturiente desde o pré-parto até o Alojamento Conjunto.

2.2 IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA(O) ACOMPANHANTE

A partir mobilização da Rede de Humanização do Nascimento - REHUNA, da Rede Nacional Feminista de Saúde e da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras - ABENFO, dentre outras, foi sancionada a lei 11.108 em 05 de abril de 2005, tornando legal a participação de um (a) acompanhante durante o pré-parto, parto e pós-parto imediato. Sendo assim, as Unidades do Sistema Único de Saúde, da rede própria ou conveniada devem permitir a presença deste acompanhante, de escolha da parturiente, durante o trabalho de parto. (BRASIL, 2005).

Apesar da publicação dessa lei, em alguns serviços públicos de saúde existe uma separação da família com a parturiente, permanecendo essa sem um acompanhante desde o pré-parto, ficando a mulher em um espaço coletivo sem qualquer privacidade ou atenção as suas necessidades particulares (DIAS; DOMINGUES, 2005).

A inserção e participação do acompanhante na humanização do parto e nascimento, embora seja reconhecida legalmente, é vista como uma questão complexa pela equipe de saúde devido à falta de uma delimitação clara e objetiva do seu espaço no contexto do parto (LONGO et al, 2010, p.390).

Muitos profissionais não estão abertos a aplicabilidade dessa lei, reconhecendo o (a) acompanhante como uma pessoa a mais dentro da unidade, que pode atrapalhar o fluxo da assistência, somado, muitas vezes a estrutura física que não permite a presença de mais uma pessoa. Além disso, muitas mulheres

ainda não conhecem seus direitos e acabam aceitando as determinações que são impostas, sem questionamento.

Em um estudo realizado na cidade de Feira de Santana-Bahia, alguns profissionais entrevistados consideram negativa a presença do acompanhante, julgando interferir no comportamento da parturiente, podendo comprometer a evolução do parto. De acordo com SANTOS et al, 2010, p. 5405

os aspectos negativos percebidos pelos profissionais de saúde quanto à presença do acompanhante referiram-se a um possível comportamento inadequado das parturientes, pois algumas ficaram mais dengosas, mimadas, e desestabilizadas por acharem que o acompanhante era a “salvação”, quando estavam cansadas e pensavam que não aguentariam até o final do trabalho de parto.

Por outro lado, em outras maternidades, é possível perceber a aplicabilidade da lei do acompanhante como uma realidade que vem se tornando cada vez mais efetiva, como mostra um estudo realizado por Silva et al (2013), sobre práticas do parto humanizado, em que 98 % dos profissionais de saúde entrevistados informaram conviverem com a presença de acompanhante junto à parturiente.

O suporte do acompanhante no processo da parturição poderá proporcionar à mulher sentimentos positivos, tais como a segurança, a coragem, a tranquilidade e o conforto, com conseqüente redução do medo e ansiedade (SANTOS et al, 2010).

Em estudo realizado por Alves et al (2013), foi possível perceber que o (a) acompanhante atua ajudando a explicar à parturiente as orientações dadas pelos profissionais, demonstrando que ele está interagindo e se sente inserido no contexto assistencial, o que foi afirmado pela autora ao perceber que “a acadêmica de enfermagem orientou a parturiente, que estava de cócoras, a ficar com os calcanhares afastados e explicou os benefícios. Assim que a acadêmica saiu do quarto, o acompanhante repetiu as mesmas orientações à esposa”. Com isso, o estudo aponta que “os (as) acompanhantes participam e realizam as ações de apoio “visivelmente” identificadas” (ALVES et al, 2013, p. 157-158).

Por fim, a autora conclui que os (as) acompanhantes participam com várias formas de apoio à parturiente, mas principalmente no que tange ao apoio emocional, em forma de palavras de carinho, troca de olhares, segurar na mão, entre outros. Além disso, o (a) acompanhante tem a oportunidade de interagir precocemente com o (a) recém-nascido (a) e observar seu primeiro atendimento na sala de cuidados, o

que proporciona certa segurança e tranquilidade para a mãe que pode estar impossibilitada de o fazer.

Longo e colaboradores (2010, p.390) afirma que a inserção do acompanhante “trata-se, de um processo em construção, que envolve aspectos relacionados às condições físicas ambientais das instituições de saúde, à qualificação dos profissionais de saúde para o acolhimento”, entre outros aspectos. Por isso, tendo em vista os benefícios que a presença do acompanhante garante durante o trabalho de parto e parto é necessário que esse seja cada vez mais valorizado e inserido no processo parturitivo, principalmente quando trata-se do pai.

3.3 PARTICIPAÇÃO DO PAI NO PARTO E NASCIMENTO

Para os homens, a vivência da paternidade deve ter seu início desde o momento em que a mulher descobre que está grávida. Dessa forma, o casal poderá viver essa experiência juntos, compartilhando todos os anseios e felicidades da gestação, bem como de suas dificuldades. No entanto, para muitos homens a paternidade só tem início após o nascimento do bebê, e em alguns casos, mesmo após o nascimento esse sentimento ainda não é perceptível, assim como a responsabilidade que esse papel apresenta (FREITAS et al, 2007).

A presença do parceiro ou outros familiares nas consultas de pré-natal ou no parto se reveste de importância no processo de humanização da assistência obstétrica.

Seu distanciamento, tanto da gestação como do parto, tende a causar sentimento de solidão e vazio na mulher (...). A presença marcante do cônjuge na cena do parto representa a oportunidade de acompanhar mais de perto e de forma ativa o nascimento de seu filho (CARVALHO et al, 2009, p.126).

Estudo realizado em uma maternidade pública na cidade de Curitiba-PR, foram identificadas

várias manifestações que refletem o aumento do vínculo familiar atrelado à vivência do processo de nascimento, despertando nos pais acompanhantes sentimentos de valorização à vida de suas esposas e também sentimento de reconhecimento do seu papel de acompanhante durante o trabalho de parto (ALEXANDRE; MARTINS, 2009, p. 327).

Para que o pai sinta-se inserido nesse processo é importante que sejam oferecidas oportunidades para que o mesmo seja incorporado cada vez mais

precocemente no processo, o que implica em garantir o maior envolvimento desde o pré-natal, com possibilidades de expor suas dúvidas e receber as informações necessárias para dar suporte à mulher.

Um estudo realizado por Figueiredo e Marques (2011), identificaram que os pais tem muitas dúvidas em relação a gestação da sua parceira e ao desenvolvimento do feto e que, na participação em consultas de pré-natal eles tem a oportunidade de saná-las e auxiliar a mulher durante o período gestacional. Por isso, a inserção do pai no acompanhamento à mulher deve ser cada vez mais precoce, desde o pré-natal, fortalecendo esse vínculo pai-mãe-filho (a) desde cedo.

“Em nossa sociedade, a mulher durante o período gestacional, é reconhecida como mãe, enquanto o homem tem pouca ou nenhuma participação nesse processo” (CAVALCANTE, 2009, p.3). Esse pensamento contribui para que muitos profissionais e instituições ainda dificultem a presença do pai acompanhando a mulher durante qualquer etapa do ciclo gravídico-puerperal.

Para Santos et al (2010, p.5404), “a presença marcante do acompanhante do sexo masculino na sala do parto e, em particular do conjugue, constitui um indício das transformações em curso nas construções de gênero e de família”, por isso, a equipe de saúde deve estar preparada para acolher o futuro pai, respeitando todo o significado desse momento.

Ademais, Alexandre e Martins (2009, p.330) ainda apontam que o envolvimento do homem junto à parturiente pode ser capaz de “proporcionar a ela suporte, apoio, segurança sendo este empenho reconhecido e aprovado pelas mulheres”. Vale ressaltar que o seu envolvimento, em que pese as vantagens apontadas, precisa ser desejado e autorizado pelas mulheres, prevalecendo, em primeiro lugar o direito da mulher a sua privacidade e escolha sobre sua(eu) acompanhante.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2008), o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das percepções e opiniões, sendo produto de interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, pensam e sentem.

3.2 LOCAL DE ESTUDO

A coleta dos dados foi realizada em uma Maternidade pública da cidade de Salvador-Bahia. A escolha da instituição deu-se pelo fato desta já ter incorporado à sua rotina, a presença de acompanhantes, inclusive do sexo masculino, em todo o período da internação das mulheres, com possibilidade de participação dos mesmos na atenção ao trabalho de parto e ao parto normal.

A Maternidade de escolha foi inaugurada em 1959. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde - SESAB (2013), a unidade atende nas especialidades de ginecologia clínica e cirúrgica, obstetrícia clínica e cirúrgica, neonatologia e unidade intermediária neonatal. No nível ambulatorial, a instituição oferece consultas de pré-natal a gestantes adolescentes, gestantes de risco habitual, médio e alto risco e disponibiliza também consulta de ginecologia, serviço de psicologia, planejamento familiar, testes do pezinho e da orelhinha com fonoaudióloga, atendimento oftalmológico com teste do olhinho, imunização, programa de alto custo para tratamento de miomas e endometriose, com cirurgias realizadas na própria unidade.

A SESAB ainda refere que a Maternidade vem passando por grandes mudanças em seu modelo de assistência, buscando cada vez mais adequar suas práticas ao atendimento humanizado, espera-se qualificar ainda mais seu processo de trabalho com as boas práticas, promovendo de forma saudável os partos e nascimentos.

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram desse estudo homens que acompanharam suas parceiras durante o trabalho de parto e o parto e que estavam presentes no Alojamento Conjunto da Instituição durante o período da coleta de dados.

Como critérios de inclusão foram considerados: o acompanhante ser maior de 18 anos, ter acompanhado a mulher no pré-parto e parto normal e aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A) após os devidos esclarecimentos. Foram excluídos acompanhantes que não se encontravam em condições emocionais para serem entrevistados.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a obtenção dos dados empíricos foram realizadas entrevistas individuais, com gravador de voz e posterior transcrição, utilizando um roteiro semi-estruturado (Apêndice B) contendo uma parte para identificação sócio-demográfica e outra com as questões abertas dirigidas para os objetivos do estudo. Segundo Bardin (2009), o material verbal obtido a partir das questões abertas é muito mais rico em informações do que as respostas às questões fechadas ou pré-codificadas. Serão obedecidos os critérios de inclusão e exclusão. Para o encerramento da coleta de dados, foi utilizado o critério de saturação das respostas.

As entrevistas foram realizadas na própria Maternidade em espaço privativo após identificação de puérperas que estavam acompanhadas de seus parceiros. Houve uma aproximação com o casal e convite ao pai para participar da pesquisa. Quando autorizada, a entrevista era gravada.

A coleta dos dados teve início em agosto de 2014 e estendeu-se até outubro do mesmo ano, pois dependeu da disponibilidade da pesquisadora e da demanda de pais acompanhantes no serviço.

O material produzido nas entrevistas foi reunido após a transcrição das entrevistas e organizado em planilhas que permitam os agrupamentos conforme as similaridades e diferenças nos depoimentos.

Para a análise dos dados foi utilizado o referencial metodológico análise de conteúdo de Laurence Bardin, que consiste em

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos ou objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às

condições de produção/percepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2009, p.42).

Ainda segundo Bardin (2009, pág. 121), as diferentes fases da análise de conteúdo se organizam em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise é o momento de organização do material a ser analisado, caracterizando como chama a autora, uma “leitura flutuante”. A exploração do material é a etapa de codificação, descrevendo as características pertinentes do conteúdo. Por fim, no tratamento dos resultados, os dados são agrupados em temas principais, “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2009, pág. 101).

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa obedeceu aos princípios éticos preconizados na Resolução Nº466/12 (BRASIL, 2012), referente às pesquisas envolvendo seres humanos. Foi mantido o sigilo sobre a identidade dos participantes, respeitando os valores culturais, sociais, morais e éticos.

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável do comitê de ética e pesquisa, de número 655.604 e a coleta dos dados só teve início após o parecer favorável.

Os depoentes não foram identificados, sendo usado código para apresentação dos resultados.

A pesquisa não apresentou riscos às imagens pessoal, profissional ou institucional dos participantes. O conteúdo das informações será utilizado apenas para fins científicos, garantindo-se o anonimato da instituição e dos depoentes. Nem as pesquisadoras nem os colaboradores tiveram benefícios diretos e indiretos e os ônus correram por conta das pesquisadoras. O estudo beneficia a sociedade e os serviços de saúde por mostrar o significado atribuído por homens a sua participação no trabalho de parto e no parto das suas companheiras, buscando inserir cada vez mais outros homens nesse processo.

O estudo respeitou os princípios éticos da beneficência, agindo pelo bem dos indivíduos entrevistados, respeitando suas opiniões; a não-maleficência, não causando nenhum mal ou danos aos entrevistados e o princípio da autonomia,

consciente do direito que os entrevistados possuem sobre a vida deles (LOCH, 2002).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os achados do estudo que será dividido em duas partes. A primeira parte apresenta as características sociodemográficas do grupo estudado e a segunda descreve o significado que o pai atribui a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira.

4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS ENTREVISTADOS

Fizeram parte do estudo quinze homens com faixa etária variando entre vinte um e trinta e sete e anos. Com relação ao estado civil, onze encontravam-se em união consensual, três declararam-se solteiros e 1 casado oficialmente, este fato reflete que a presença do pai acompanhante algumas vezes independe do estado civil do casal, mas da responsabilidade que o casal assume diante da maternidade.

Com respeito à escolaridade, 7 afirmaram terem concluído o ensino médio, 4 referiram ensino médio incompleto, 3 possuíam o ensino fundamental completo e 1 referiu ter concluído curso universitário. As ocupações citadas foram: porteiro, analista de sistemas, operador de caixa, diarista, pedreiro, eletricista, motorista, copeiro, soldador, manobrista e um entrevistado estava desempregado. Considerando que parte dos entrevistados tem pouca escolaridade e com ocupações de caráter braçal, reforça-se a necessidade de conhecer esse perfil para que as informações e orientações prestadas sejam adequadas e permitam aos homens desempenharem da melhor forma possível o seu papel de acompanhante no contexto do parto, com participação efetiva durante o processo.

Quanto à participação no pré-natal, 9 entrevistados informaram participação em uma ou mais consultas. Em relação a presença no parto, nenhum dos entrevistados referiu a oportunidade de vivenciar essa experiência anteriormente, mesmo aqueles que já tinham dois ou mais filhos. Acredita-se que essa presença tenha sido facilitada diante da ampliação das políticas públicas de humanização da assistência ao parto, bem como a lei do acompanhante.

4.2 OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELOS PAIS ACOMPANHANTES

4.2.1 Participação e apoio emocional

Durante o trabalho de parto e parto, a mulher vivencia diversas experiências que necessitam de um apoio físico e emocional de pessoas do seu convívio diário. Motta et al (2005) traz que o apoio emocional é dado através de palavras carinhosas, de incentivo, encorajando a mulher e fazendo elogios.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber que os pais estão acompanhando suas parceiras oferecendo esse apoio emocional que contribui para resultados mais positivos durante o processo de parturição.

[...] eu pude dar um apoio a ela, sentia que quando ela segurava minha mão, ela fortalecia, então eu estava ali do lado dela, estava presente, isso foi muito importante (E3).

[...] No momento que ela queria força para forçar o menino pra descer, eu estava do lado dela: “bora, você consegue, vamos lá!” Motivando: “vamos, vamos, vamos”. E no momento que eu via que ela estava triste, eu chegava, acariciava ela, pedia pra ela se acalmar (E4).

[...] Incentivando ela, pra ela se sentir forte. Minha participação foi ótima, esta ali de junto dela e segurando a mão dela e dizendo a ela que era só o parto, uma dor passageira (E15).

As falas mostram o incentivo dos pais acompanhantes durante o trabalho de parto, evidenciando um apoio emocional às suas companheiras. Além disso, o apoio físico também se fez presente nas falas dos depoentes, que referem auxílio para a realização de medidas não farmacológicas para o controle da dor, como massagens de conforto, deambulação, encorajar e fazer carinho na paciente:

Eu ajudei dando massagem na coxa dela, nas costas dela. (E4)

O que eu podia fazer só isso mesmo, acalmar, fazer uma massagem, pegar na mão, alisar o cabelo, segurar ela até a criança nascer (E5).

Eu ajudei ela a caminhar, fiz massagem, ajudei ela a fazer agaixamento, fiquei do lado dela né? Segurando ela, conversando pra distrair um pouco né? (E9).

A enfermeira pediu para eu levantar o pescoço dela, pra ela ter mais apoio, ajudei, passava o paninho pra tirar o suor dela, que tava descendo. (E14)

Em seu estudo sobre a inserção do acompanhante no centro obstétrico, Alves et al (2013), fala que o apoio empático dos acompanhantes do trabalho de parto

ajuda a diminuir a necessidade de analgesia farmacológica e a assim proporcionar uma melhor experiência a mulher. Além disso, sabe-se que a viabilidade da mulher ter um acompanhante durante seu processo parturitivo, além da redução da necessidade de analgesia já citada, reduz a incidência de cesárias e a depressão do recém-nascido no quinto minuto de vida (OLIVEIRA, et al 2011).

O suporte oferecido pelo acompanhante também se faz efetivo através do apoio físico propriamente dito. Este configura-se em tocar a mulher, fazer massagens, auxiliar na deambulação, mudança de posição, entre outras ações que possibilitem um conforto durante a vivência do trabalho de parto e do parto. A aproximação do parceiro nesse momento com demonstração de carinho parece contribuir para manter a mulher mais tranquila.

Esse apoio físico também foi identificado por Perdomini et al (2010), onde os homens entrevistados descreveram tipos de participação. Um entrevistado relatou a sua participação com o seguinte comentário “eu ajudei ela bastante, ali no quarto ali, ajudei ela a sentar na bola..., dei banho nela, auxiliei ela a trocar de roupa, fiz a almofadinha nela, troquei o paninho dela[...] (Antonio) (p.44)”.

Oliveira et al (2011) ao estudar a percepção da puérpera sob o acompanhante obteve que o principal anseio da mulher diante do acompanhante é não se sentir só. Isso também foi identificado nas falas dos homens, que verbalizaram a possibilidade de ocorrer um desfecho negativo caso a mulher permanecesse sozinha:

Por que ela, a todo momento, queria que eu ficasse ao lado dela, por que ficar na sala sozinha, ela tava sentindo dor, aquela preocupação de ter a criança e não ter ninguém na hora pra acolher (E11).

Foi importante sim, pra eu estar do lado, por que eu achei assim, poderia acontecer agravantes piores se eu não tivesse do lado (E4).

Neste caso o marido considera que a sua presença é importante também para proporcionar segurança, fato este que agrega mais tranquilidade para a parturiente, influenciando de forma benéfica a evolução do trabalho de parto. Situações que proporcionam à mulher relaxamento, informações e contato com uma pessoa de sua confiança, fazem-na se sentir mais confortável para vivenciar o nascimento do filho (OLIVEIRA et al, 2011, p. 251).

4.2.2 Uma experiência nova e diferente

Dentre os pais participantes da pesquisa, nenhum referiu a vivência dessa experiência anteriormente, o que se configura como uma experiência nova:

Significou muito, por que foi a primeira vez, foi um momento inexplicável que talvez eu não tenha outro (E9).

Eu vou dizer a você que foi uma experiência nova. Eu que nunca participei, é a primeira vez. Eu até gostei, é uma coisa diferente, você tá participando de um negócio desse. A gente não vê um parto todo dia né? Por isso é diferente (E13).

A gravidez costuma ser vivenciada pelos casais como uma fase de muita expectativa e construção de planos. Certo mistério cerca o momento do parto propriamente dito. Os homens não estão acostumados a viver esse contexto e se surpreendem não apenas com o nascimento propriamente dito, mas também com o fato de estarem presentes.

Em um estudo realizado por Perdomini et al (2010), sobre a participação do pai como acompanhante, os pais participantes perceberam que sua presença foi a melhor forma de proporcionar um apoio a mulher, como pode-se observar nas falas abaixo:

Bom, eu acho que.. ah, dei apoio, né... mas no meu ver eu acho que podia ter dado pra ela, entendeu, fiquei ao lado dela dando apoio (Marcos) (p.41)

Ah, a presença é uma das principais coisas, né... tá sempre do lado, alí, ajudando. (Alex) (p.41)

Mesmo sem terem tido a oportunidade de presenciar o nascimento dos outros filhos, os homens devem ter ouvido de suas companheiras relatos detalhados de como tudo aconteceu durante o seu trabalho de parto. Tais informações servem de referência para que eles imaginem o que acontece nessas horas. Entretanto nada se assemelha à possibilidade de assistir a todo o processo.

Foi uma experiência nova, apesar que eu já tenho uma filha, mas nunca tinha passado por esse processo (E3).

Por que é uma experiência nova, a gente não via acontecer esse tipo de coisa há uns tempos atrás, então essa permissão permite a gente acompanhar ali, ver o procedimento, a gente nunca viu, eu nunca vi né? (E5).

Eu nunca participei desse negócio aí de parto, participar foi uma coisa louca né? Muito louco mesmo (E6)

Inevitavelmente, fazem comparação com o que sabem a respeito e geralmente o que ainda conhecem é uma realidade que vem sendo superada a partir da lei do acompanhante que foi sancionada em 2005. Entretanto, percebe-se que a população usuária dos serviços públicos de saúde ainda não está a par da mesma, tendo muitas vezes seu direito negligenciado.

Não sabia que podia participar, está lá junto acompanhando, pra mim foi a melhor coisa do mundo (E12).

Estudos recentes, é cada vez mais forte a presença do acompanhante como refere Freitas (2013), demonstrando que 98% das parturientes tinham presença de acompanhante. A presença paterna também vem se tornando crescente nas instituições públicas superando restrições que eram feitas em relação a falta de privacidade causada pela presença de homens nas salas de pré-parto e parto.

4.2.3 PREPARO E DESPREPARO PARA SER UM ACOMPANHANTE

Pessoas que acompanham as mulheres no trabalho de parto costumam vivenciar momentos marcantes envolvendo emoções diversas que são influenciadas pelas suas próprias experiências. As mulheres ocupam este papel historicamente, mas isto não significa que estejam preparadas. Os homens, por sua vez foram mantidos afastados dessa possibilidade no âmbito dos serviços públicos, o que explica as afirmativas dos entrevistados:

Entendo que não estava preparado para poder tá ali naquele momento, mas ainda assim foi muito bom (E3).

Eu me senti assim, um pouquinho, sem saber, na verdade, o que fazer, minha primeira vez né? Eu não sabia o que fazer (E4).

As dificuldades é que não sabia o que fazer, fiquei sem jeito, isso da massagem mesmo, não sabia que podia, queria ter ajudado mais, mas não sabia o que fazer (E12).

Assim, foi possível perceber que os homens se sentiram inibidos, sem noção do que poderiam e deveriam fazer, despreparados para exercerem a função de acompanhantes.

Alguns referiram terem recebido orientações verbais ou através de folhetos informativos, fornecidos pela instituição,

[...] eles me explicaram o que eu podia, o que não podia, em relação a filmagem, pronto, aí só isso, não deve nada demais não, explicou que eu não ia poder (E9).

Eles dão uma folhinha explicando tudo que você tem que fazer, celular que não pode fazer zoadá, não pode xingar, não pode brigar, esses negócios assim, eles dão um folhetozinho pra a pessoa ler todo, horário de almoço, horário de janta, tudo isso (E11).

Pelo que expressaram, nota-se que as orientações recebidas por esses acompanhantes tratavam de rotinas, permissões e proibições, não tendo sido identificadas orientações de como o companheiro poderia ajudar a parturiente ao longo do trabalho de parto. Sobre isto, Carvalho et al (2009), destaca que as informações dadas as pessoas que irão acompanhar o trabalho de parto e parto não deveriam ser dadas apenas por escrito e no momento da admissão, mas que deveria ser resgatada a todo o momento, pois a parturição é um momento de muita ansiedade, dúvidas e anseios que podem ser minimizados com uma acolhida adequada.

4.2.4 O APOIO RECEBIDO DA EQUIPE – UMA FACILIDADE PARA O PAI ACOMPANHANTE

O apoio por parte da equipe de saúde é fundamental para que a participação do acompanhante se de melhor maneira possível. Nesse estudo, a maioria dos entrevistados referiram ter um apoio positivo por parte das equipes, passando calma e tranquilidade para os mesmos:

Mas no momento que a gente tava ali e as enfermeiras passando calma “pai, ajuda, tal, fala pra ela respirar” então deu uma tranquilidade, por que os enfermeiros que tava ali foram super capacitados pra ta orientando a gente ali, não deixou nervoso nem eu nem ela (E2).

[...] ela gritava, ela chorava e eu chamava os médicos de novo, aí eles me orientavam, mas eu fui acalmado e graças a Deus tudo ocorreu bem (E3)

[...] a equipe ajuda, tenta fazer com que a gente se sinta normal, sem ansiedade, nos influencia a ajudar a paciente e nos tranquiliza e nos pede ajuda (E5)

Mabuchi e Fustinoni (2008), em seu estudo sobre o significado dado pelo profissional de saúde ao trabalho de parto e parto humanizado, identificou nas falas dos (as) profissionais entrevistados (as) a presença do (a) acompanhante como um diferencial no modelo do parto humanizado, uma vez que proporciona a sensação de segurança, eliminando tensões e medos.

Esse reconhecimento por parte da equipe é fundamental para a mudança de postura dos (as) profissionais, no sentido de acolher e fornecer informações sobre o processo parturitivo para esse acompanhante.

Motta et al (2005), ao estudar a participação do pai no parto, identificou que os acompanhantes de uma forma geral, desconhecem as dinâmicas do parto e isso gera uma certa ansiedade. Nesse sentido, informações sobre o trabalho de parto podem ajudar a diminuir essa ansiedade e proporcionar ao pai uma participação mais ativa. Esse fato também foi possível identificar no presente estudo, como se observa nas falas abaixo:

A equipe ajudou bastante, conversou bastante, explicou como iria ser, a equipe ter explicado como ia ser me ajudou bastante a ficar mais tranquilo lá dentro, por que a gente já foi sabendo o que ia acontecer, sabendo as instruções que ela falou e aí foi tranquilo, graças a Deus. Não achei dificuldade nenhuma. (E7).

A facilidade é que as pessoas ajudam a gente, as doutoras têm atenção com a gente, não deixa lá largada (E12).

Facilidade foi o médico teve toda a paciência de explicar sobre o parto, sobre tudo, ele me mostrou a bolsa né? Assim foi bom por que a gente vai aprendendo as coisas (E13).

Assim, é possível perceber que quanto maior for o apoio da equipe, maior é a tranquilidade que a parturiente e seu acompanhante vão sentir facilitando o relacionamento e ajudando o casal a vivenciar essa experiência da melhor forma possível. “A receptividade do profissional de saúde para com a parturiente e seus familiares se reveste de valor e satisfação, considerando os momentos de inseguranças e dúvidas que envolvem o parto” (NAKANO et al, 2007, p. 134).

Houve relato de que a equipe de saúde fez toda a diferença no apoio ao acompanhante e na transmissão de informações, tanto de forma positiva, como negativa ao afirmar que

[...] naquele momento ali eu fiquei um pouco nervoso, eu chamava muito os médicos, eles passavam pra mim “calma, pai isso aí é normal, a dor é normal do parto. (E3)

Motta et al (2005), que destaca a orientação da equipe como sendo fundamental no desenvolvimento de uma atuação mais ativa do homem. No seu estudo, afirma que “um dos acompanhantes observados ilustra a importância da equipe nesse processo, uma vez que ele só começou a interagir com a parturiente após a orientação e o incentivo dos profissionais” (p. 112).

De modo diferente, um dos entrevistados falou:

[...] sendo que teve algumas coisas que deixou a desejar. Por exemplo: a falta de orientação, no caso eu que sou a primeira vez, me orientar, me explicar, me dizer passo a passo como ia se dar aquela situação, como me comportar em uma situação daquela. Uma situação que para um homem que é a primeira vez (E4)

Dessa forma, é possível perceber que o apoio e fornecimento de informações por parte da equipe, independente de categoria profissional, foi percebida como importante tanto pelo acompanhante que recebeu informações, quanto pelo que foi privado de orientações específicas para aqueles momentos.

Essa constatação encontra respaldo em TELES et al (2010), quando afirma que:

para uma participação ativa no processo de parto é necessário conhecimento e iniciativa por parte do acompanhante, bem como adequado acolhimento por parte dos profissionais de saúde inseridos na sala de parto, o que promove real inserção do acompanhante no processo de parto (p. 691-692).

Entendida como fundamental para a participação de acompanhantes de maneira ativa, de forma a possibilitar um apoio real à parturiente, o preparo dessas pessoas deve ter início no pré-natal. Alguns entrevistados que participaram das consultas pré-natal ou os que buscaram conhecimentos na internet, julgaram ter tido facilidades no momento do trabalho de parto e parto, podendo ajudar a mulher de forma mais efetiva:

[...] a doutora que estava fazendo o pré-natal com ela falou de cada tempo que seria dado, que as contrações seriam mais fortes. Aí nisso, eu fui marcando e depois viemos pra cá, pra maternidade [...]. (E2)

Facilidade por que eu já tava me preparando, vendo as coisas na internet, aí foi fácil (E14).

Diante das falas apresentadas torna-se visível a importância que a informação tem para os (as) acompanhantes antes do acesso à Maternidade, uma vez que parece tranquiliza-los (as) e orientar a prática ativa enquanto acompanhante.

4.2.5 Emocionando-se com a participação no processo

Os entrevistados relataram as emoções sentidas ao participarem do trabalho de parto de suas companheiras:

[...] não sabia se chorava, se ria, se pulava, se gritava [...](E4)

Eu senti uma emoção, quase desmaiava, foi só (E6).

Eu senti emoção, ver uma coisinha linda dessa aqui. Chorei um pouquinho, mas foi bom (E7).

Com essas respostas os entrevistados demonstraram facilidade em expressar as emoções vividas com a participação contínua no trabalho de parto da mulher. A dificuldade de expressar sentimentos é uma característica que está culturalmente atribuída aos homens, uma vez que para a sociedade esses são rotulados como fortões, que não choram e não revelam suas emoções (PERDOMINI et al, 2010). No entanto, os homens entrevistados reagiram de forma diferente da que se costuma afirmar como estereótipo atribuído homens.

Essa característica também foi identificada por Carvalho et al (2009), em seu estudo sobre sentimentos vivenciados pelos pais durante o nascimento do filho, onde

[...] os depoentes ao enfatizarem as emoções vividas por eles procuraram justificar o fato de não conseguirem reter o choro, como resposta a intensidade de sentimentos velados quando presentes na sala parto. Essa atitude nos leva a considerar que os entrevistados vivenciaram a chegada de seus filhos arraigados a concepções que se voltam para novos paradigmas do homem nas relações de gênero, quando admitem o direito de chorar (p. 129).

Um dos sentimentos que citados pelos entrevistados foi o medo, principalmente relacionado com as consequências pós-parto e a falta de informação do mecanismo do parto:

Medo sim né? Por que você tá dentro da situação, você tá vendo ela, devido certos acontecimentos de mulher morrer de parto, essas coisas (E2)

Eu senti medo. Medo por que a aflição do parto é muito grande e a gente nunca sabe o que vai acontecer. A dor, a ansiedade, é muita coisa junta, e de repente a gente fica com medo de perder a pessoa e perder até a criança também. (E5)

[...] fiquei muito, assim, um pouquinho com medo, por que ele nasceu já com o cordão umbilical no pescoço, aí a médica foi e cortou logo (E6)

A dificuldade foi por que fiquei com medo das consequências, não ia saber o que fazer (E15)

Para Carvalho (2005), lidar com o desconhecido, com situações que novas e com o risco de morte para mãe e filho (a), está na base do medo que afirmaram com tanta ênfase. Esse sentimento está relacionado ao desejo de proteger a mulher e o (a) filho (a), sendo vivenciado pelo homem na medida em que participam mais de perto de todo o processo. A mesma autora ainda acredita que esse sentimento vivenciado pelos homens é atenuado a medida que a humanização da assistência obstétrica vem tomando forma.

Nesse sentido GARCEZ, 2011, p. 78, considera que “O nascimento proporciona vivências agradáveis, tornando-se num acontecimento marcante, facultando o ultrapassar dos momentos mais angustiantes vivenciados pelos pais, durante o trabalho de parto”.

Sentimentos semelhantes foram verbalizados por alguns pais ao dizerem:

Um momento eu sentia a dor que ela sentia, sentia assim, um aperto e ao mesmo tempo eu sentia alegria por saber que tava havendo uma coisa assim, que é fruto meu e dela que a gente poderia dar amor (E9)

Senti emoção, alegria, em ver a criança chorar mesmo, a primeira vez é muito bom, eu gostei (E11).

Nervoso, eu fiquei muito nervoso. Quando nasceu, felicidade (E14)

A contradição nas emoções fica explicitada na medida em o pai presencia a inquietação, as dores e ansiedades na parturiente mas, também vivencia a chegada do (a) filho (a). Isso promove uma mudança imediata de emoções, pois o medo e a angústia cessam a partir do momento que a criança nasce e que o homem percebe que está tudo bem com a mãe e com seu (a) filho (a).

Garcez (2011), em seu trabalho sobre vivências da figura paterna no trabalho de parto e nascimento, identificou sentimentos diferentes relacionados ao trabalho de parto e ao nascimento. Durante o trabalho de parto os sentimentos vivenciados eram medo, desespero, impotência, já no nascimento os homens referiram tranquilidade, alívio, emoções forte e acontecimento único e inexplicável.

Outro aspecto importante que surgiu ao longo das entrevistas foi a dificuldade expressa por alguns ao visualizarem de maneira muito próxima a genitália da companheira e a presença de sangue:

[...] eu só não gostava mesmo quando eu ficava olhando para as partes dela (E3)

[...] só não ia ao ponto que ia ser a região do parto (E4)

A dificuldade é que, achei uma coisa muito horrível, você vê um bocado de sangue, ainda ver costurando a parte de baixo, muito sangue mesmo (E6)

No trabalho de parto, é na fase expulsiva que a genitália feminina fica mais exposta, há movimentação perineal e eliminação de secreções tais como tampão mucoso, líquido amniótico e sangue. A repulsa comentada pelos entrevistados está vinculada à aparência característica dessa região momento no nascimento propriamente dito. Também pode estar associada ao desconhecimento de homens e mulheres sobre a anatomia de seus corpos. No caso da genitália feminina, comumente ouve-se expressões de cunho negativo, para descrevê-la como uma parte feia e desprezível do corpo feminino.

Para serem poupados dessa visão, os profissionais de saúde orientavam os pais a ficarem na cabeceira do leito no momento do período expulsivo, os

profissionais acreditavam que “não é conveniente que o homem veja os genitais da esposa durante o período expulsivo, pois isto poderia interferir no relacionamento sexual do casal”, de acordo com estudo de Espírito Santo e Bonilha (2000, p. 106). Acrescente-se que, para ser coerente com a proposta de autonomia da mulher em todo o processo, parece conveniente estimular que ela e seu companheiro decidam sobre essa exposição.

Quando questionados se participariam novamente do nascimento de um filho, dois entrevistados referiram que não, por causa do sofrimento vivenciado pela mulher:

Eu não. Não, por que eu me arrepiei todo quando vi saindo lá das partes dela (E11)

Não participaria. Por que é uma experiência, é boa, mas porém, é triste ver o sofrimento de uma pessoa. Por esse fato de tá ali e ver o sofrimento de outra pessoa, é ruim, fica muito ruim. (E15)

Novamente realça aqui a pouca ou nenhuma informação que tiveram sobre as fases do trabalho de parto e suas características, a presença de dor e também de alternativas para conviver com ela. Da mesma forma que para as mulheres, o sofrimento aparece como algo insuperável, do qual não há como escapar, e surgiu como um incômodo para os homens que estavam presentes. O incômodo maior pode estar associado ao fato de que, não tiveram como interferir para solucionar o “problema”, como se espera que seja feito pelos homens. Sentiram-se impotentes.

Os demais entrevistados referiram vontade em participar de um novo nascimento, principalmente pelo fato de ter adquirido alguma experiência e saberem como agir na próxima vez:

Agora sim, participaria sim, já sabia, já tinha uma experiência, o que fazer, o que dizer, o que explicar pra pessoa, já aconselhar a ela antes, a forma que ela vai vir, como ela se preparar, a dor que ela vai sentir (E4)

Participaria. Isso até foi bom que foi experiência né? Quando tiver o segundo já tem a noção (E8)

Com certeza. A emoção é inacreditável (E13)

A disposição para participar no futuro em outro parto é justificada pela possibilidade de atuar com mais segurança, ajudar mais e viver a mesma emoção. Isso difere do que foi encontrado no estudo de Oliva, Nascimento e Santo (2010, p.

439), cujos entrevistados reportaram-se a oportunidade de “satisfazer a curiosidade existente, bem como a vontade de presenciar o nascimento da criança, parecendo não haver a intenção de suporte psicossocial e cumplicidade com a companheira, fundamental nesse momento.”

A satisfação com a experiência fez com que pensassem em repeti-la e essa possibilidade torna-se a cada dia mais viável, pois as Maternidades estão pouco a pouco se estruturando para garantir a permanência de acompanhantes masculinos.

4.2.6 Importância para o casal

Para a maioria dos homens entrevistados, a participação deste momento significou um fato muito importante para o casal:

Foi muito importante pra mim e principalmente pra ela, por que eu sou namorado, aí tinha que ficar de junto, pra ver o parto (E1)

Muito importante né? Por ser meu primeiro filho e por está ajudando ela também (E2).

De fato é uma oportunidade ímpar que está sendo proporcionada para os homens no contexto do atendimento nos serviços públicos de saúde, e que até pouco tempo se constituía em privilégio apenas daqueles cujas companheiras davam à luz em serviços da rede complementar. Em termos de acesso pode-se dizer que estes cidadãos foram tratados com equidade do ponto de vista do acesso e essa experiência, na medida em que tiveram o seu direito respeitado, “sem privilégios e sem barreiras”, segundo Figueiredo et al (2007, p. 19).

Outra marca importante da satisfação dos entrevistados é a afirmativa de que recomendam a outros pais que também participem desse processo:

[...] por que todos os pais tem que participar do parto dos filhos. Por que é uma experiência boa, é ótima (E6)

Essa recomendação também foi identificada um estudo realizado por Alexandre et al (2009, p. 329), sobre a vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto, tendo os entrevistados comentado:

Se todo pai tivesse essa condição de participar do nascimento do filho, seria muito importante, eu acho (Ômega)”, “Ah! Acho que é uma experiência que todo mundo deve passar. É bem válido (Sigma)

No presente estudo, alguns pais atribuíram importante significado para essa participação no trabalho de parto e parto, porque acreditam terem atendido a uma curiosidade ou quando dizem que nem conseguem explicar:

Pô, pra mim foi muito importante. Eu sempre queria ter visto e queria ver, também saber como era né? (E14)

Considero. Por que eu não sei, mas eu sei que foi importante (E1)

4.2.7 Dividindo responsabilidade

O tema responsabilidade paterna teve relevância nas falas dos entrevistados, principalmente no sentido de “dever do homem” enquanto companheiro e pai de estar ao lado da mulher no momento do parto.

Eu por interesse meu de encarar a situação, uma pessoa que ta do meu lado, eu convivo com ela, mãe do meu filho, eu tenho que ta do lado dela em qualquer momento (E4)

[...] por que como a gente ta junto há dois anos, quem era pra ta junto dela sou eu né? Não era outra pessoa (E7)

Eu ajudei ela a fazer o filho não é? Então tinha que ta lá perto dela (E12)

Por que eu sou o marido dela e pai, eu tenho que assumir e ta junto da minha família né não? (E12)

Foi importante. Importante pra mostrar, tanto pra ela, tanto para as pessoas, entendeu? que ela não é uma pessoa assim, sozinha, tem o companheiro também, entendeu? Companheirismo (E8)

As expressões colocadas denotam a noção de solidariedade e companheirismo e de que pode ser fruto do amadurecimento da relação do casal. Ao falar dessa temática, Carvalho (2005, p. 66), comenta que “a paternidade é um marco na vida do homem que deixa para traz indefinições ou possibilidades não definidas, significando amadurecimento, enriquecimento e responsabilidade”.

Houve ainda a demonstração de quão importante era esse momento para ele próprio, ao relatar que

[...] eu recebi uma ligação de um contrato de uma empresa pra eu prestar um serviço, ela me ligou no horário do parto, aí eu disse a ela que não tinha condição nenhuma de fechar negócio com ela, por que meu filho ta nascendo. Isso eu não abro mão de jeito nenhum (E4)

Outro significado encontrado diz respeito ao sentimento do pai enquanto provedor financeiro da família:

Agora é trabalhar muito para dar alimentação, dar educação a ele para poder ser alguém na vida. (E11).

Sentir-se responsável pelo sustento e proteção da família não quer dizer que ele faça isto sozinho, sendo muito provável que a sua companheira também exerça alguma atividade remunerada, além de influenciar nos destinos da família. Entretanto, nesse momento, para não fugir do que está posto na sociedade, ele se coloca como único provedor e protetor, único com poder. Ao fazer isto o entrevistado reafirma a construção de gênero arraigada na sociedade vinculando a “maternidade à sensibilidade e à submissão e a paternidade à força e à atividade. O pai continua a ocupar, nessas concepções, um lugar de respeito e de autoridade sobre a família”, conforme afirmam (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007, p.63)

Ao estudar o envolvimento paterno na gestação, Picinini et al (2004) também observou essa preocupação dos pais:

Preocupação de ver como é que a gente ia fazer, é uma responsabilidade, né. Agora não dava mais para voltar atrás; Porque a gente não vai pensar que somos só nós dois, a gente vai ter que planejar tudo em três. (p.309)

Apenas um dos participantes da pesquisa referiu conhecimento sobre a Lei do acompanhante:

é um direito né? Por que eu sou pai também, e não posso deixar ela na mão. Ainda mais em uma situação difícil como essa (E6).

Esse fato reforça que nem todos os homens entrevistados tinham conhecimento sobre seus direitos e terminam achando que participar do trabalho de parto e parto é um favor concedido pela equipe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No grupo estudado, os participantes possuíam nível de escolaridade variado, na sua maioria mantinham-se em união estável e com participação nas consultas do pré-natal. O perfil obtido é compatível com homens com pouca escolaridade e que desenvolvem ocupações de caráter braçal, em sua maioria, sendo necessário que sejam dadas orientações e informações durante todo o processo, permitindo assim que os homens acompanhantes desenvolvam uma participação efetiva durante o nascimento dos filhos.

Com esse estudo foi possível perceber que os homens estão cada vez mais presentes durante o processo parturitivo e que vem auxiliando as mulheres de forma bastante positiva, dando apoio físico e emocional, com palavras de conforto e incentivo, além da segurança que é proporcionada a mulher por estar acompanhada de alguém do seu convívio diário. Já o apoio físico foi identificado nos relatos pelas massagens de conforto, auxílio na deambulação, auxílio na mudança de posição e no elo com a equipe, reforçando assim os estudos que já existem sobre o tema e que apresentaram resultados semelhantes nesse item.

Dentre os significados atribuídos pelos homens a sua participação do trabalho de parto e parto foi possível perceber que se tratava de uma experiência nova e cercada de muitos medos e incertezas. Medos principalmente relacionados com os possíveis desfechos negativos para a mãe ou para o (a) recém-nascido (a) e a falta de informação sobre o mecanismo do parto que também gerou muita angústia nos pais acompanhantes.

Mesmo estando vigente desde 2005, a Lei do Acompanhante ainda não é conhecida por toda a população, e isso afasta alguns homens do nascimento dos seus filhos, por desconhecimento dos seus direitos. Assim, sugere-se que as instituições e profissionais de saúde divulguem para os casais grávidos, seja nas consultas pré-natal ou em outros espaços, a existência da lei e que não mais permitam as mulheres um trabalho de parto e parto desacompanhado por falta de desconhecimento dos seus direitos.

Além disso, fica claro a necessidade de cursos para casais grávidos, onde sejam passadas informações sobre mecanismos do parto e métodos de participação efetiva para os acompanhantes, uma vez que esses estão cada vez mais presentes no processo parturitivo e que seja otimizada sua presença neste momento.

Alguns homens relataram o apoio positivo recebido pela equipe e que isso otimizou a presença, trazendo calma e tranquilidade para os mesmos, o que sugere que essas estão cada vez mais incorporando a presença desses pais no cenário do parto.

Com o estudo foi possível perceber que os pais não apresentaram resistência em mostrar ou falar das emoções sentidas, configurando uma mudança na imagem que é socialmente atribuída aos homens, que esses são fortes, não choram e não demonstram suas emoções. A importância atribuída a participação do homem durante todo o trabalho de parto e parto é bastante relatada nas falas e isso também aparece nos outros estudos consultados. Os homens sugerem que outros pais participem desse processo, julgando ser uma experiência positiva.

Essa importância vem acompanhada das responsabilidades que esses homens assumem, tanto para a companheira, quanto para o filho que acaba de nascer, além da preocupação como provedor financeiro da família. O envolvimento do pai com o processo no nascimento faz com que esse comece a viver a paternidade cada vez mais precoce, assumindo um sentimento de responsabilidade e planejando o futuro.

Consideramos que a pesquisa alcançou o objetivo proposto e a metodologia mostrou-se adequada. Houve facilidades em relação ao acesso ao serviço, a adesão dos homens ao estudo e disponibilidade de material bibliográfico. A dificuldade inicial em relação a presença masculina foi contornada com a visita a maternidade em horários diferenciados permitindo coincidir com os horários nos quais os pais estavam presentes.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ana Maria Cosvoski; MARTINS, Marialda. **A vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto**. Cogitare Enferm. 2009 Abr/Jun; 14(2):324-31

ALVES, Marcela; BRUGGMANN, Odaléa; BAMPI, Ricardo; GODINHO, Viviane. **Apoio à parturiente por acompanhante de sua escolha em uma maternidade-escola**. Ver. Pesqui. Cuid. Fundam; jul-set 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2009.

BRASIL. Lei n. 11.108. Altera a Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Diário Oficial da União, Brasília (DF); 2005 Abr 8.

_____. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher : princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.459 de 24 de junho de 2011**. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Rede Cegonha. Brasília, 2011.

_____. Ministério da Saúde. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012**. Referente à pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 05 fev 2014.

BUSANELLO, Josefina. **As práticas humanizadas no atendimento ao parto de adolescentes: análise do trabalho desenvolvido em um Hospital Universitário do extremo sul do Brasil**. Rio Grande, 2010.

CAVALCANTE, Miriam Aparecida de Abreu. **A experiência do homem como acompanhante no cuidado Pré-natal**. São Paulo, 2007

CAVALCANTE, Miriam Aparecida de Abreu; TSUNECHIRO, Maria Alice. **O homem e seus motivos para vir às consultas pré-natal como acompanhante de sua mulher**. Teresina, Piauí, 2009.

CARVALHO, Jovanka Bittencourt Leite de. **Nascimento de um filho: o significado para o pai**. Natal, 2005.

CARVALHO, Jovanka Bittencourt Leite de; BRITO, Rosineide Santana de; ARAUJO, Ana Cristina Pinheiro Fernandes; SOUZA, Nilba Lima de. **Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho**. Rev. Rene. Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 125-131, jul./set.2009.

DIAS, Marcos Augusto Bastos; DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira; **Desafios na implantação de uma política de humanização da assistência hospitalar ao parto.** Ciência e Saúde Coletiva, 2005.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Humanização da Assistência ao Parto no Brasil: Os muitos sentidos de um movimento.** Ciência e Saúde Coletiva 2005. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br>> Acesso 17 de dez de 2013, as 17 h 27 min.

ESPIRITO SANTO, Lilian Cordova do; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi. **Expectativas, Sentimentos E Vivências Do Pai Durante O Parto E Nascimento De Seu Filho.** R. gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.21, n.2, p.87-109, jul. 2000.

FIGUEIREDO, Marcio Grei Alves Vidal de; MARQUES, Alessandro Cristaldo. **Pré-Natal: experiências vivenciadas pelo pai.** Cogitare Enferm. 2011 Out/Dez; 16(4):708-13.

FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de; TONINI, Teresa. **SUS e PSF para Enfermagem: Práticas para o cuidado em saúde coletiva.** São Caetano do Sul, Yendis Editora, 2007.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da. **Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero.** Cad. Saúde Pública [online]. 2007, vol.23, n.1, pp. 137-145.

GARCES, Maria Manuela Ferreira. **Vivências da figura paterna no trabalho de parto e nascimento no processo de transição para a parentalidade.** Dissertação de Mestrado. Porto, 2011.

LOCH, Jussara de Azambuja; **Uma Introdução à Bioética.** Temas de Pediatria Nestlé, n.73, 2002. p. 12-19.

LONGO, Cristiane Silva Mendonça; ANDRAUS, Lourdes Maria Silva; BARBOSA, Maria Alves. **Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde.** Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2010.

NAKANO, Ana Márcia Spanó; SILVA, Luciene Amorin; BELEZA, Ana Carolina Sartorato; STEFANELLO, Juliana; GOMES, Flávia Azevedo. **O suporte durante o processo de parturição: a visão do acompanhante.** Acta Paul Enferm 2007.

MABUCHI, Alessandra dos Santos; FUSTINONI, Suzete Maria. **O significado dado pelo profissional de saúde para trabalho de parto e parto humanizado.** Acta paul. enferm. [online]. 2008, vol.21, n.3, pp. 420-426. ISSN 1982-0194.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa.** 11. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Programa de humanização do parto: pré-natal e nascimento.** Brasília, 2000.

OLIVA, Talita Andrade; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do; SANTO, Fernando Reis do Espírito. **Percepções e experiências de homens relativas ao pré-natal e parto de suas parceiras.** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 jul/set; 18(3):435-40

OLIVEIRA, Andressa Suelly Saturnino; RODRIGUES, Dafne Paiva; GUEDES, Maria Vilani Cavalcanti; FELIPE, Gilvan Ferreira; GALIZA, Francisca Tereza de; MONTEIRO, Lidiane Colares. **O Acompanhante no momento do trabalho de parto e parto: percepção das puérperas.** Cogitare Enferm, 2011, Abr/Jun.

PERDOMINI, Fernanda Rosa Indriunas; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi. **A participação do pai como acompanhante da mulher no parto.** Texto contexto - enferm. [online]. 2011, vol.20, n.3, pp. 445-452. ISSN 0104-0707.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi. **Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família.** Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol.19, n.2, p.57 – 69, 2007

SANTOS, Luciano Marques dos; MATOS, Khésia Kelly Cardoso; CARNEIRO, Celeste da Silva; SANTOS, Sara Soares dos; SILVA, Marcia Daniele Sousa e. **O acompanhante e o parto: uma percepção da equipe de saúde.** ABENFO-MG, 2010.

SANTOS, Luciano Feliciano Nery; SANTOS, Luciano Marques dos; PAIVA, Mirian Santos; BARBOSA, Tiago de Souza; OLIVEIRA, Vanessa. **O acompanhante no processo parturitivo: o que pensam as puérperas.** VI Coben, 2009.

Secretária de Saúde do Estado da Bahia. Disponível em:<
<http://www.saude.ba.gov.br/>> Acesso em 02 de fev de 2014. As 16 h 27 min.

SILVA, Renata Cunha da et al. **O discurso e a prática do parto humanizado de adolescentes.** Texto contexto - enferm.[online]. 2013, vol.22, n.3, pp. 629-636.

STORTI, Juliana de Paula Louro. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal.** Ribeirão Preto, 2004

TEIXEIRA, Kátia de Cássia; BASTOS, Raquel. **Humanização do Parto.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR 2009.

TELES, Liana Mara Rocha; PITOMBEIRA, Hércia Carla dos Santos; OLIVEIRA, Amanda Souza de; FREITAS, Lydia Vieira; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; DAMASCENO, Ana Kelve de Castro. **Parto com acompanhante e sem acompanhante: a opinião das puérperas.** Cogitare Enferm. 2010 Out/Dez.

TOMELERI Keli Regiane, PIERI Flávia Meneguetti, VIOLIN Mara Rúbia, SERAFIM DEISE, MARCON Santos Silva. **“Eu vi meu filho nascer”:** vivência dos pais na sala de parto. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS) 2007 dez;28(4):497-504.



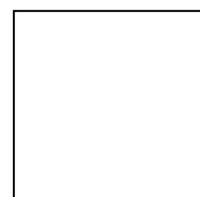
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA /ESCOLA DE ENFERMAGEM
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO -TCLE

Convido o senhor a participar da pesquisa intitulada “A participação paterna no trabalho de parto e parto: a voz dos homens”. Esse estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, a ser desenvolvido pela estudante Ana Paula Assunção Moreira, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Isa Maria Nunes. Tal estudo tem como objetivo conhecer o significado atribuído por pais a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira. Para conseguir alcançar o objetivo proposto pela pesquisa serão realizadas entrevistas com homens que tiverem acompanhando suas companheiras no alojamento conjunto com aplicação de um questionário. Se o senhor permitir, a entrevista será gravada em fita de áudio, podendo ser modificada se for o seu desejo. O material coletado através do questionário será guardado por cinco anos, e ao final ficará a disposição da instituição. O conteúdo das informações será utilizado apenas para fins científicos, assegurado o anonimato dos sujeitos da pesquisa e da instituição nos resultados e na apresentação do relatório final. A pesquisa não apresenta riscos às imagens pessoal, profissional ou institucional dos participantes. Nem as pesquisadoras, nem os colaboradores terão benefícios diretos e indiretos e os ônus correrão por conta das pesquisadoras. O estudo beneficia a sociedade e os serviços de saúde por mostrar o significado atribuído por homens a sua participação no trabalho de parto e no parto das suas companheiras, buscando inserir cada vez mais outros homens nesse processo. A participação nessa pesquisa é voluntária (não haverá nenhum benefício financeiro) e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. Você receberá o termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias, para as quais solicitamos sua assinatura, caso aceite participar.

Assinatura da participante: _____
 Atenciosamente,
 Salvador, _____ de _____ de _____.

 Ana Paula Assunção Moreira
 Graduanda da Escola de Enfermagem da UFBA

 Isa Maria Nunes
 Orientadora da pesquisa



Polegar direito

Contatos: Escola de Enfermagem da UFBA - Rua Augusto Viana S/N, Campus do Canela, Canela, Salvador-Ba, CEP 40110-060. Telefone: 3283-7618. anapaulamoreira13@hotmail.com ou isam@ufba.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

TITULO DO PROJETO: A PARTICIPAÇÃO PATERNA NO TRABALHO DE PARTO E
NO PARTO: A VOZ DOS HOMENS

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Iniciais: _____ Nº _____

Data da entrevista: ___/___/___ Horário: início _____ término _____

PARTE 1. Dados de identificação do participante:

Idade: _____ Raça/cor autodeclarada: _____

Profissão/Ocupação: _____

Escolaridade: Analfabeto ()

Fundamental incompleto () Fundamental completo ()

Médio completo () Médio incompleto ()

Superior incompleto () Superior completo ()

Religião: _____

Estado civil com a mãe da Rn: Casado () Desquitado ou separado judicialmente ()

Divorciado () Viúvo () Solteiro ()

Cidade que reside: _____

Reside com a mãe deste RN: não _____ sim _____ há quanto tempo _____

Numero de filhos: _____ Quantos com esta parceira _____

Em quantos partos participou como acompanhante: _____

Participou das consultas de pré-natal? _____ Quantas? _____

PARTE 2. Questões abertas

Pergunta 1- O que significou para o senhor participar do trabalho de parto e do parto da sua companheira?

Pergunta 2 - O senhor considera que a sua participação lá foi importante? Por que? O senhor faria mais alguma coisa que deixou de fazer lá?

Pergunta 3- Você participaria de outro parto se tivesse oportunidade?

Pergunta 4- O senhor encontrou facilidades para sua participação? Quais? E dificuldades?

ANEXO I – AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PARTICIPAÇÃO PATERNA NO TRABALHO DE PARTO E NO PARTO: a voz dos homens

Pesquisador: ISA MARIA NUNES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 27439314.0.0000.5531

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 655.604

Data da Relatoria: 09/04/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma investigação de conclusão de curso de graduação do tipo qualitativo descritivo que visa estudar a participação paterna no trabalho de parto e no parto. Os dados deverão ser coletados em uma maternidade pública da cidade de Salvador-Bahia. Os participantes do estudo serão homens que acompanharam suas parceiras durante o trabalho de parto e o parto e que estiverem presentes no Alojamento Conjunto da Instituição durante o período da coleta de dados. Para a obtenção dos dados serão realizadas entrevistas individuais, utilizando um roteiro semi-estruturado. Os dados obtidos nas entrevistas serão organizados e classificados buscando similaridades e divergências entre os depoimentos. O referencial teórico que dá suporte ao projeto será utilizado para a discussão dos resultados e trechos dos depoimentos serão citados para exemplificar o significado relatado pelos entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever o significado atribuído por pais a sua participação no trabalho de parto e no parto da companheira.

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 655.604

Identificar características sócio-demográficas dos depoentes. Descrever o significado que o pai atribui a sua participação no trabalho de parto e parto da companheira

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

De acordo com as autoras os possíveis riscos da pesquisa, se surgirem, serão minimizados com intervenção da pesquisadora para proteger os participantes.

Quanto aos benefícios as autoras salientam que o estudo beneficia a sociedade e os serviços de saúde por mostrar o significado atribuído por homens a sua participação no trabalho de parto e no parto das suas companheiras, buscando inserir cada vez mais outros homens nesse processo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Reafirma-se a importância do objeto de investigação, ressaltando que nessa versão do Projeto os autores atenderam as recomendações do último parecer emitido.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram contemplados.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os termos de apresentação obrigatória foram contemplados e as recomendações atendidas

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

A plenária homologa o parecer de Aprovação emitido pelo Relator.

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 655.604

SALVADOR, 21 de Maio de 2014

Assinado por:
KARINA ARAUJO PINTO
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br